



Abordagem sobre as mulheres na feira agroecológica da Ecocap em João Pessoa – PB

Approach on women at the ECOCAP agro-ecological fair in João Pessoa - PB

GOMES, Josileide Carmem Belo¹; MARINI, Fillipe Silveira²; BARRETO, Laís Leite³; FERNANDES, Daniel Germano Pereira⁴; GOMES, Glicerinaldo de Sousa⁵

¹ UFPB, josileidecarmem@gmail.com; ² UFPB, fsmarini@yahoo.com.br; ³ UFPB, laisleitebarreto@gmail.com; ⁴ UFPB, daniel.fernandes@academico.ufpb.br; ⁵ IFRO, glicerinaldo@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: O objetivo foi realizar uma breve descrição sobre o perfil dos feirantes da Feira Agroecológica realizada pela Associação ECOCAP na cidade de João Pessoa. O desenvolvimento do referido estudo aconteceu na feira que possui 17 feirantes e residem na zona rural das cidades Caaporã e Pitimbu, Paraíba. A pesquisa teve um carácter qualitativo e quantitativo. Todos os feirantes foram entrevistados e o questionário respondido tinha questões objetivas e subjetivas. As questões foram relacionadas ao gênero, estado civil, moradia e tempo de trabalho na feira. Os resultados foram positivos e o que pôde ser observado é que existe uma troca de saberes muito proveitosa entre as (os) feirantes, tanto no que diz respeito às práticas agrícolas, quanto às questões de precificação e tratamento com os clientes da feira. Conclui-se então, que as participações das mulheres da ECOCAP na busca por melhores espaços e condições de trabalho na sociedade estão conseguindo desenvolver na feira o seu protagonismo.

Palavras-chave: agricultura familiar; empoderamento feminino; protagonismo feminino; Trabalho.

Introdução

A sociedade que vivemos carrega consigo muitos traços, atitudes e ações patriarcais, e no meio rural essa realidade não é diferente, já que em maioria esse universo é gerido por homens, que direta ou indiretamente decidem e influenciam nas tomadas de decisões.

O dia a dia do campo, por exigir força e ter tantos desafios, acaba sendo visto como um lugar que deve ser predominantemente masculino. Para tanto atrelado aos cuidados feitos no roçado como: plantios, colheitas, armazenamento e beneficiamento. Contudo, com a evolução da agricultura familiar, que possui como característica o trabalho realizado na propriedade rural pela família, a mulher tem almejado desempenhar outras funções que não sejam apenas as de cuidar da casa e dos filhos.



Tem sido cada vez mais marcante a busca incessante da mulher por espaços no mercado de trabalho, tanto na cidade, como no campo. Assim, as mulheres estão vendo a necessidade de lutar por um lugar de destaque no mundo do trabalho, para a geração de renda, o direito de poder estar e ocupar os mesmos lugares e cargos dos homens. Por isso, que elas estão indo em direção na melhoria da sua qualificação de informação pelos direitos iguais e na sua independência.

Neste sentido, a organização feminina através de coletivos e movimentos tornou-se uma importante via de resistência, viabilizando o fortalecimento, a coletividade, a empatia e a sororidade, discorrendo conjuntamente o impacto das distinções de gênero, culturalmente fundados na sociedade, e suas reverberações nas mulheres como um todo, independentemente do contexto ao qual estão inseridas nos movimentos sociais, comunitários, políticos, corporativos e acadêmicos (SANTOS et al., 2020, p. 3).

Construído pelo Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (GT Mulheres da ANA) o lema “Sem Feminismo não há Agroecologia!” expressa o entendimento sistêmico de que a Agroecologia é ciência, prática e movimento. Assim, a Agroecologia tem sido um caminho coletivo de construção de uma filosofia de vida que, a partir de uma forma de pensar e fazer a agricultura e propõe relações justas, igualitárias e equilibradas entre as pessoas e dessas com o ambiente, orientando assim visões de mundo, ações cotidianas, atuações políticas e práticas produtivas, de consumo e da construção de novas relações sociais pautadas nos valores da ética, solidariedade, reciprocidade e princípios da precaução e responsabilidade.

Em um contexto comunitário, por sua vez, há importante reconhecimento do papel da mulher como mobilizadora de processos. Em parte, em função dos desafios da participação da mulher no mercado de trabalho formal, considerando as múltiplas atividades socialmente definidas como da mulher-mãe-esposa; e, também, em decorrência de contextos de crise, em que a mulher é requerida a contribuir com a sobrevivência, sendo, muitas vezes, a única responsável financeiramente (BARBOSA et al., 2022, p. 4).

Como lugar de comercialização as feiras agroecológicas têm cada vez mais conseguindo maiores espaços. As feiras têm ganhado espaço e destaque como o lugar de oportunidade de trabalho e sustento familiar. Com o trabalho na feira, a mulher tem buscado reconhecimento de sua capacidade de realizar e desempenhar as funções nas feiras. Elas têm vivenciado uma nova experiência de poder cultivar e ter um lugar/espaço para vender seus produtos, às vezes *in natura* e alguns beneficiados. Não se trata mais de apenas trabalhar no ambiente familiar, onde muitas vezes é um trabalho sem reconhecimento, pelo simples fato de ser desenvolvido e executado em casa.

A discussão, especificamente, do papel e do perfil da mulher que atua em espaço de trabalho e renda, que até pouco tempo era de predomínio masculino deve ser estudado, porque nesses espaços as mulheres podem estar conseguindo atingir o seu empoderamento. Assim, esse estudo tem por objetivo geral realizar uma breve descrição sobre o perfil dos feirantes da Feira Agroecológica realizada pela associação ECOCAP na cidade de João Pessoa.



Metodologia

A pesquisa foi realizada na Feira Agroecológica da Associação das Agricultoras e dos Agricultores Agroecológicos de Caapora e Pitimbu (ECOCAP), que acontece quinzenalmente no Município de João Pessoa, capital da Paraíba. A feira possui 17 feirantes que estão associados e residem na zona rural das cidades Caaporã e Pitimbu, ambas localizadas na região metropolitana de João Pessoa (Leis: LCE 59/2003, LCE 90/2009 e LCE 93/2009).

Esse trabalho possui um carácter qualitativo (MINAYO, 2007) e quantitativo (PEREIRA et al., 2018). Assim, para o desenvolvimento deste trabalho foram aplicados questionários semiestruturados, com perguntas objetivas e subjetivas aos 100% dos feirantes. As questões foram relacionadas ao gênero, estado civil, moradia e tempo de trabalho na feira.

Durante a ocasião de aplicação do questionário pelos pesquisadores aos feirantes foi observada também a rotina da feira agroecológica, sua organização, tanto no que se refere à exposição dos produtos quanto ao convívio de entre os feirantes.

Resultados e Discussão

Por meio da análise das respostas ao questionário foi possível verificar que a maioria dos feirantes são mulheres. Assim, foi visível o quanto elas se identificam com o trabalho na feira, demonstram alegria e satisfação em estar ali, realizando um trabalho que para elas tem reconhecimento.

Os espaços das feiras mostram como as mulheres estão construindo um papel importante na transformação da sociedade que garanta a soberania dos povos sobre seus territórios e promova a produção e o consumo de alimentos saudáveis, a partir do uso e manejo sustentável dos agroecossistemas ao mesmo tempo em que reconheça o conhecimento, o trabalho e a contribuição econômica das mulheres para a sustentabilidade da vida e promova autonomia, igualdade, liberdade.

Nesse sentido, as Feiras Agroecológicas são espaços ocupados por muitas mulheres, produzindo e comercializando, trabalhando e gerando renda, o que pode mobilizar o desenvolvimento de protagonismos e lideranças (BARBOSA et al., 2022, p. 4). A produção agroecológica favorece a comercialização em circuitos locais, como é o caso das feiras, nas quais as mulheres participam ativamente (IBARRA et al., 2023, p. 3).

As feiras agroecológicas são importantes espaços de promoção da segurança e da soberania alimentar, na medida em que estimulam uma relação de troca mútua entre consumidores e produtores. Além de proporcionar o trabalho as mulheres em produzir alimentos de maneira agroecológica e ter onde vender sua produção de modo que seja valorizada, podendo construir vínculos sociais (CLEMENTE et al., 2020, p. 1).

O percentual de mulheres e homens que atuam na Feira Agroecológica da ECOCAP é demonstrado na Figura 1 a seguir.

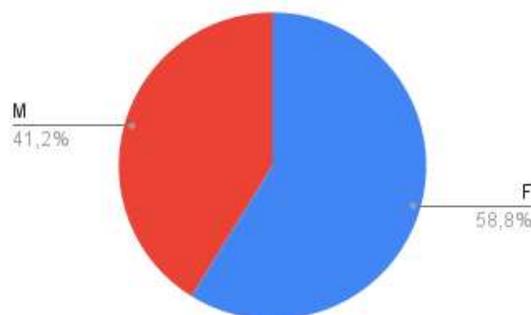


Figura 1: Porcentagem de gênero que trabalha na Feira Agroecológica da ECOCAP. M-masculino e F-feminino, ano de 2023.

A segunda pergunta indagava sobre o estado civil dos feirantes. Pela análise de suas respostas observou-se que a maioria dos participantes são casados. Como está exposto na Figura 2, abaixo.

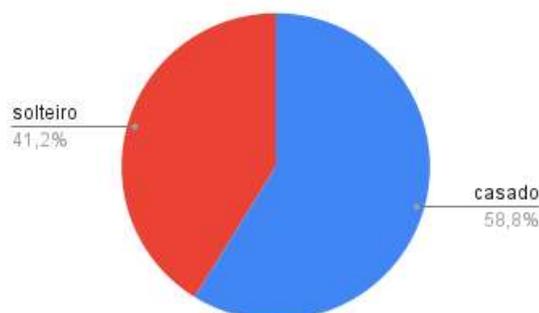


Figura 2: Porcentagem do estado civil dos feirantes na Feira Agroecológica da ECOCAP, ano de 2023.

A maioria das mulheres possuem filhos pequenos e vivem na rotina de trabalho, cuidar dos filhos e da casa. Além disso, geram outra responsabilidade que é a busca de renda familiar e de sua superação, já que elas contribuem para o sustento da família. Observou-se, nessa pesquisa, que as mulheres junto aos seus esposos, batalham diariamente pelo sustento de suas famílias, avançando em espaços que socialmente deveriam ser ocupados apenas pelos homens.

É possível identificar as diversas dificuldades enfrentadas pela liderança feminina, pois a presença de mulheres nos espaços de comando evidencia o alcance a um lugar socialmente designado a masculinidade, em uma trajetória profissional que possui marcas das dificuldades e tensões enfrentadas (SANTOS et al., 2020, p. 4).

A maioria das(os) feirantes reside na zona rural, eles moram e trabalham em assentamentos rurais (Figura 3). Imersos na agricultura familiar as(os) entrevistadas(os) encontram na feira agroecológica a oportunidade de valorização de seu trabalho, porque vendem alimentos de qualidade e que são plantados, manejados e colhidos sem o uso de agrotóxicos e fertilizantes.

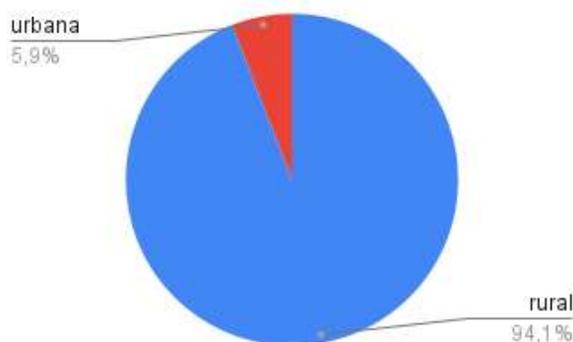


Figura 3: Percentual de residência das(os) feirantes da ECOCAP.

O tempo de experiências e vivências na feira agroecológica varia bastante entre os feirantes (Figura 4). Alguns têm cerca de um ano de trabalho na feira, enquanto outros chegam há trinta anos. Isso mostrou a flexibilidade e o crescimento do grupo estudando, verificando participação de jovens e novos agricultores agroecológicos. Assim, verificou-se, respectivamente, que 11,8; 52,9 e 35,3 % são agricultoras(es) na faixa de 18-29; 30-50 e acima de 50 anos.

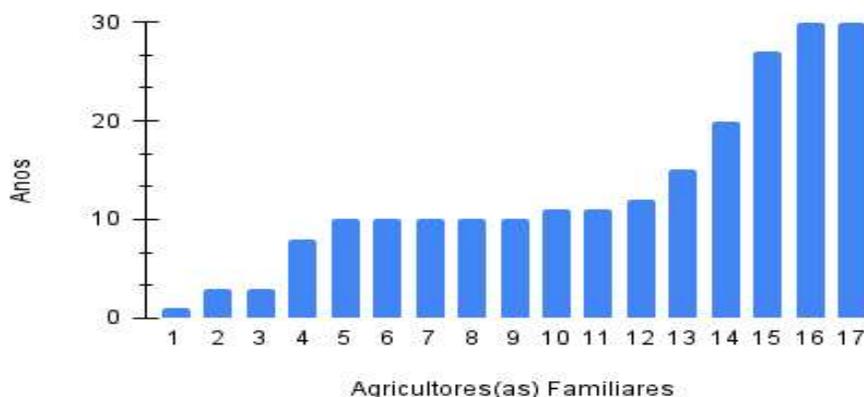


Figura 4: Tempo de trabalho dedicado a Feira Agroecológica

O que pôde ser observado é que existe uma troca de saberes muito proveitosa entre as(os) feirantes, tanto no que diz respeito às práticas agrícolas, quanto às questões de precificação e tratamento com os clientes da feira.

As práticas agrícolas ecológicas fortalecem a soberania alimentar ao oportunizar o direito de escolha da forma de produção, possibilitando ao agricultor definir suas práticas de produção, distribuição e consumo de alimentos, respeitando a cultura local e a biodiversidade, onde a mulher desempenha um papel fundamental (CLEMENTE et al., 2020, p. 2).

As(os) agricultoras(es) têm experiência em outras feiras e outras formas de comercialização, porém a feira agroecológica é uma identidade para eles. A



feira agroecológica é para eles o resultado de muita luta, resistência, perseverança e trabalho.

Conclusões

A participação da mulher nos espaços produtivos tem ganhado notoriedade e, nas feiras agroecológicas, não tem sido diferente. Ao longo do desenvolvimento do referido estudo foi possível perceber a sua importância na agricultura familiar, com o seu trabalho digno e que ainda proporciona renda a família.

As participações das mulheres da ECOCAP na busca por melhores espaços e condições de trabalho na sociedade estão conseguindo desenvolver na feira o seu protagonismo. Principalmente, por observar a sua participação na diretoria e presidência da Associação.

A feira é um espaço em que todos, homens e mulheres trabalham e colaboram coletivamente para o desenvolvimento de ações que visem fortalecer a participação do núcleo familiar.

Referências bibliográficas

BARBOSA, L. O.; BIZARRIA, F. P. A.; BARBOSA, F. L. S.; GUIMARÃES, S. C. Liderança feminina em contexto de economia solidária –o caso da feira agroecológica e cultural de mulheres no Butantã. **Revista Conjecturas**. v. 22, n. 2. p. 613-637, 2022.

CLEMENTE, A. P. G.; GAMELEIRA, C. S. L.; VASCONCELOS, D. S.; LONGO-SILVA, G.; SILVEIRA, J. A. C.; ASAKURA, L.; BARROS, L. M.; OLIVEIRA, M. A. A.; VIDAL, N. A. C.; MENEZES, R. C. E.; BOMFIM, S. P.; HIRAI, W. G. Feiras agroecológicas e orgânicas em Maceió: soberania alimentar e protagonismo feminino camponês. **Cadernos de Agroecologia – Anais do 3º Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia – v. 15, n. 3, 2020.**

IBARRA, A. C. R.; PIZZINATO, A.; OLIVEIRA, M. Z. Mulheres agricultoras do rio grande do sul: suas trajetórias no contexto da produção agroecológica. **REVISTA PSICOLOGIA & SOCIEDADE**. v. 35. p. 1-17, 2023.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social. Teoria, Método e Criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 108p.

PEREIRA, A. S., SHITSUKA, D. M.; PARREIRA, F. J.; SHITSUKA, R. **Metodologia da Pesquisa Científica**. [e-book]. Santa Maria: UAB/NTE/UFSM. 2018, 119p.

SANTOS, L. G. M.; SILVA, T. S.; SILVA, F. A.; HENRIQUES, W. M. Gênero e comunidade: olhares sobre a liderança de mulheres em espaços comunitários. **Revista Científica UMC**. Edição Especial PIBIC. p. 1-4, 2020.